

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Gabriela Azevedo Cortez

Vozes da Serra
Documentário participativo: Caminhos afetivos de conservação rumo ao tombamento
da Serra de Ouro Preto

Mariana
2025

Gabriela Azevedo Cortez

Vozes da Serra

Documentário participativo: Caminhos afetivos de conservação rumo ao tombamento da Serra de Ouro Preto

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Hila Rodrigues

Mariana
2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C828v Cortez, Gabriela Azevedo.

Vozes da Serra [manuscrito]: Documentário participativo: Caminhos afetivos de conservação rumo ao tombamento da Serra de Ouro Preto. / Gabriela Azevedo Cortez. - 2026.
30 f.

Orientadora: Profa. Dra. Hila Rodrigues.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Conservação histórica - Ouro Preto (MG). 2. Cultura material - Ouro Preto (MG). 3. Mineração a céu aberto - Ouro Preto (MG). 4. Montanhas - Ouro Preto (MG). 5. Patrimônio cultural - Proteção. I. Rodrigues, Hila. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 791.229.2(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário CRB6 1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Gabriela Azevedo Cortez

Vozes da Serra Documentário participativo: Caminhos afetivos de conservação rumo ao tombamento da Serra de Ouro Preto

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel

Aprovada em 27 de fevereiro de 2026

Membros da banca

Profª Drª Hila Bernardete Silva Rodrigues - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof.(a) Dr(a). Pedro Antun Lavigne de Lemos - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof.(a) Dr. Leandro Silva Lopes - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Hila Bernardete Silva Rodrigues, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 07/03/2026



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/03/2026, às 16:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1070957** e o código CRC **A84A9853**.

AGRADECIMENTOS

Tem uma história que eu sempre gosto de contar, apesar de eu nem sequer me lembrar dela. Eu mal tinha um ano de idade quando meus pais decidiram "acampar" na Serra da Canastra. Não tinha barraca, nem tenda, nem colchão inflável, nem fogareiro. Tinha, se eu não me engano, um Palio velho que não segurava nem as nuvens de poeira que faziam tudo ficar vermelho lá dentro. Mas fomos nós, mesmo assim. O objetivo era se embrenhar nas matas e cascatas d'água e, quando a noite caísse, dormir no carro. No meio do caminho, se é que posso dizer assim, meus pais pararam para almoçar numa casinha perto da estrada. Eu não sei se lá já servia comida para os turistas que se aventuravam pelas bandas ou se meus pais foram se achegando, curiosos. Ali, os receberam uma senhora e sua filha, que parecia ter a idade dos meus pais. Para adiantar a história: a senhora não só nos preparou um almoço, como nos deixou dormir em sua casa. Eu nunca esqueço dessa história, apesar de não me lembrar dela. Hoje, todas as inúmeras vezes que voltamos à Serra, quem nos recebe é a filha da senhora, que já é uma senhora por si só e deixou a mãe descansar nos braços do céu. Acho que desde muito cedo eu já entendi a relação das Serras com as comunidades.

Aos meus pais, agradeço a curiosidade e a coragem de desbravar o mundo, olhando com carinho, cuidado e respeito para tudo que nos cerca. Meu amor por vocês se desenha como as Serras: vastas, belas, férteis e borbulhando em nascentes que alimentam uma vida inteira.

De serra em serra, a Serra de Botafogo entrou em mim quase que da mesma forma, vinte anos mais tarde. Agradeço a cada morador que me guiou e recebeu nesse projeto. Pela confiança, pelo carinho e por terem me cedido o que é mais precioso: as trilhas para o coração dessa comunidade. Através das histórias, cafés e campos, agradeço por terem me deixado fazer parte. À comunidade de Botafogo, por ter me aberto as portas e o coração.

À Hila, minha orientadora tão gentil e cuidadosa, que me guiou durante esse processo. E a todos os professores da UFOP, em especial às professoras Lívia Echternacht e Adivane Costa, pela paciência em terem me permitido ficar na cola de vocês em inúmeros campos, acompanhando as turmas de mestrado e biologia, aprendendo sobre as nascentes e as plantas, além da morfologia das rochas. Foi tudo um enorme aprendizado, obrigada.

À Líria, minha parceira de trabalho, que nem sei por onde começar a agradecer. Primeiro, pelo convite de trabalhar juntas em um produto tão lindo, mas acima de tudo, por cada coisa que isso acarretou: obrigada pelas inúmeras idas ao Botafogo em que você vinha

me buscar no Farid, em Ouro Preto; pelas diferentes trilhas na Serra; pelos cafés da manhã, almoços e cafés da tarde de dias e dias editando inúmeras horas; por ter me ensinado a editar, inclusive. Pelo companheirismo e amizade, e principalmente pela confiança de ter me incluído nessa família que é Botafogo, e na sua também.

À Lu, pela companhia em cada saída pro meio do mato, sem nunca ter reclamado de ter que acordar às seis da manhã de um sábado ou domingo, ou das horas infinitas no sol rachando. Por todas as vezes que desembaraçou meu cabelo embaraçado de galhos e folhas e minhas ideias confusas — ou muitas — que você pegou nas mãos e me ajudou a ordenar uma por uma. Por ter pacientemente desembaralhado meus sentimentos e escutado minhas histórias. Por ter me esperado em cada volta e visto cada trecho, repetidas e repetidas vezes, das entrevistas. Por ter dado colo ao meu choro e aliviado minha ansiedade. Por ser companheira, meu amor, obrigada.

À Lia e ao Gabriel, por terem crescido jornalistas ao meu lado. Levou um longo caminho para me descobrir no curso, e ele com certeza foi desenhado com os traços de vocês mesclando aos meus. Para além desse processo de TCC, por acompanharem meus processos de vida, sempre com carinho, escuta, cuidado e guia também. Amizades verdadeiras não deixam a gente seguir em frente em caminhos errados; obrigada por terem me voltado aos trechos, incontáveis vezes.

À Ceci e à Manu, por fortalecerem os laços e por me ensinarem a recontar uma história. Suas escritas me inspiram e me alimentam, e a amizade de vocês me nutre de sentimentos que são como andar de bicicleta no parque. Nós sabemos a importância de pedalar juntas nessa vida.

À Ana e à Aline, que entraram nessa história quase aos quarenta e cinco do segundo tempo, e me abraçaram por inteiro dentro dela. Por me fazerem lembrar o que é estar em casa. Eu me surpreendo com a genuinidade com que me pego amando nossos momentos mais bobos. A vida é pra ter companhias assim. Obrigada por me abrirem a porta.

Para cada uma das incontáveis mãos que me trouxeram até aqui e fizeram esse projeto acontecer. Obrigada, de coração.

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. (Kopenawa, 2015)

RESUMO

Este memorial, referente ao documentário *Vozes da Serra*, oferece reflexões sobre a ameaça da mineração à identidade cultural, ambiental e territorial da comunidade de Botafogo, localizada na Serra de Ouro Preto. O texto retrata a região por meio da história de seus moradores, a partir da montagem de um documentário participativo e expositivo, articulando memórias, histórias locais e os modos de vida da comunidade, e promovendo o encantamento da Serra enquanto entidade, em prol de seu tombamento e preservação. Ao longo dessa trajetória, são discutidos os conceitos de identidade, cosmologia, pertencimento e territorialidade, dialogando com autores como Bill Nichols, Manuela Penafria, Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino, Antônio Bispo, entre outros. O documentário proposto pretende ser uma ferramenta de fortalecimento das lutas territoriais, conferindo visibilidade ao protagonismo comunitário e ao valor universal da Serra. A ideia é compreender, a partir da teia de afetos e vivências tecidas sob essa densa manta verde, o espírito ancestral e comunitário que busca manter íntegro esse lugar, antes que a mineração lhe arrebate o sopro vital.

Palavras-chave: mineração, identidade cultural, pertencimento, Minas Gerais.

ABSTRACT

This memorial, regarding the documentary *Vozes da Serra* (*Voices of the Mountain*), offers reflections on the threat of mining to the cultural, environmental, and territorial identity of the Botafogo community, located in the Ouro Preto Mountains. The text portrays the region through the stories of its residents, stemming from the making of a participatory and expository documentary. It weaves together memories, local histories, and the community's ways of life, fostering the enchantment of the Mountains as an entity to advocate for its heritage listing and preservation. Throughout this journey, the concepts of identity, cosmology, belonging, and territoriality are discussed, engaging with authors such as Bill Nichols, Manuela Penafria, Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino, and Antônio Bispo, among others. The proposed documentary aims to be a tool for strengthening territorial struggles, granting visibility to community leadership and the universal value of the Mountains. The core idea is to understand, from the web of affections and lived experiences woven beneath this dense green blanket, the ancestral and communal spirit that strives to keep this place intact, before mining snatches away its vital breath.

Keywords: mining; cultural identity; belonging; Minas Gerais.

SUMÁRIO

Introdução	01
A Serra e sua caracterização ambiental	02
Território: pertencimento e modo de habitar	03
O que é um documentário?	05
O encantamento	06
O objetivo	08
O encontro com o jornalismo cultural	09
Reflexões	11
Pauta estendida	15
Referências	20

INTRODUÇÃO

Esse projeto nasceu de um choro de fê. Quando buscamos uma entidade atrás de culpabilização, movidos por expurgo e indignação, ainda que tenhamos uma breve noção da grandeza dessas instituições no campo jurídico, não conseguimos imaginar a densidade da trama que se embola por baixo dos tapetes. Há um ano, em uma ânsia de fuga, cheguei por uma estrada de terra à comunidade rural ouropretana de Botafogo. Na época, o que era para ser uma conversa descontraída em busca de saber mais sobre a região me abriu a cortina de um cenário drástico. O anfitrião que me hospedava me pôs a par do avanço das empresas minerárias que buscavam licenciamento na região. Então, em novembro de 2024, a empresa RS Mineração já atuava ao sul da comunidade desde agosto de 2022, enquanto BHP Billiton, CBRT Participações, HG Mineração, Mineração Três Cruzes, CSN Mineração e, meses depois, Patrimônio Mineração aguardavam licença para atuar. A ameaça da instalação das empresas já causava um processo lento e gradual de adoecimento psíquico nos moradores da região, inclusive o que me dava o parecer. Aos pés da Serra de Ouro Preto, foi assim que Botafogo entrou em mim.

Em uma das idas à Botafogo, me reencontrei com uma antiga parceira de trabalho do curso. Líria, egressa em jornalismo também pela UFOP e ex-bolsista de monitoria, assim como eu, era, por coincidência, a liderança popular contra mineração da comunidade e a responsável por trás de toda a produção do Instagram Preserve Botafogo. Foi através de um vídeo do perfil que fiquei sabendo da comunidade ouropretana e de sua luta contra os empreendimentos que cercavam a área. Na época, com uma ideia de TCC já desenhada em mente e sem saber o rosto familiar que estava por trás do perfil, mandei uma mensagem buscando fontes que pudesse entrevistar. Não coincidentemente, Botafogo entrou em meu radar de pautas e tentei consolida-lo a todo custo em uma das matérias práticas do curso. Pela falta de recurso da faculdade, não deu certo. Mas passei a pauta para uma amiga e, quando ela foi em campo realizá-la, me conviveu para ir junto. Foi nesse contexto que reencontrei, três anos mais tarde, a Líria. Pude conversar sobre meu projeto de TCC, sobre a mineração, sobre a luta, sobre a comunidade. Dias mais tarde, já de férias da UFOP e em minha cidade natal, recebi uma ligação dela: era o convite para produzirmos em conjunto um documentário. Esse produto foi criado com co-produção de Líria B. Barros, que me acompanhou como ponte entre a universidade e a comunidade de Botafogo e esteve comigo gravando, editando e produzindo esse material.

A SERRA E SUA CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL

A Serra de Ouro Preto, também conhecida como Serra do Chafariz, é uma formação geológica que se situa na Mata Atlântica, fazendo transição com o cerrado e criando uma forma rara de vegetação e flora, chamada de Campos Rupestres¹. Essas formações vegetais são encontradas em afloramentos rochosos, altitudes elevadas, solos pobres em nutrientes e com clima diversificado, todas as características que a Serra abrange. A importância desse ecossistema se dá na alta diversidade e endemismo das espécies que ele abriga, se tornando um ambiente de alta singularidade ecológica e refúgio de biodiversidade, extremamente suscetível à extinção. Para além desses pontos, a vegetação dos Campos Rupestres, também conhecidas como "vegetação de cangas"², aludem à uma formação rochosa associada ao afloramento de quartzito, arenito ou formação ferrífera, justamente o que atrai empreendimentos minerários, que buscam a extração desses materiais como matéria-prima, e uma vez instalados e atuantes, provocam a total desconfiguração desses ecossistemas, trazendo significativa perda de biodiversidade, fragmentação de *habitats* e redução da conectividade ecológica. O ponto crucial na formação de Campos Rupestres são as cangas, a vegetação onde se desenvolvem. Cangas são ecossistemas com elevada biodiversidade e porosidade, que permitem que a água da chuva se infiltre e se acumule no interior das rochas, prestando um serviço de recarga dos aquíferos, atuando como uma reserva hídrica. Apenas quatro estados no Brasil possuem essa formação vegetal, e o Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais é a região que abriga uma das maiores áreas de cangas no país. De acordo com o relatório técnico *Diagnóstico e levantamento rápido da flora na Serra do Chafariz*, do Departamento de Biodiversidade, Evolução e Meio Ambiente do Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, da UFOP:

¹ Campos rupestres é um ecossistema caracterizado por grande riqueza de espécies herbáceas, alto endemismo e composições únicas de espécies, abrigando 15% da flora do país cobrindo apenas 0,78% do território brasileiro. Com uma das maiores taxas de endemismo do mundo, 40% das espécies catalogadas no Brasil só existem lá. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2025/07/cientistas-e-comunidades-correm-para-salvar-um-dos-ecossistemas-mais-raros-e-diversos-do-brasil/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

² Vegetação de cangas é a vegetação que cresce sobre formações rochosas ricas em ferro chamadas "cangas". Esses ecossistemas são ilhas de vegetação, geralmente herbáceo-arbustivas, localizadas no topo de serras, que se caracterizam pela alta diversidade e por espécies endêmicas e raras adaptadas ao solo com alta concentração de ferro. Todos esses dados se somam à relevância ambiental que argumenta a favor da preservação e do tombamento da Serra de Ouro Preto como patrimônio histórico e ambiental. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/plantas-que-crescem-no-ferro/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

As cangas dos campos rupestres ferruginosos são bastante porosas, por onde a água da chuva se infiltra e acumula-se no interior da rocha, formando importantes reservas hídricas (Carmo et al., 2012). Os principais aquíferos no Quadrilátero Ferrífero coincidem com os Campos Rupestres ferruginosos, motivo pelo qual foi proposta a denominação Quadrilátero Ferrífero-aquífero (Coelho, 2012). Logo, tais aquíferos também são degradados quando há a supressão dessas formações pelas atividades minerárias. Além disso, a contaminação de recursos hídricos por metais pesados e sedimentos provenientes da lixiviação e do assoreamento, compromete a qualidade das águas superficiais e subterrâneas, fundamentais para o equilíbrio hidrológico (Echternacht et al., 2025).

O território da Serra contribui com a recarga de duas bacias hidrográficas da região: a Bacia do Rio Doce e a Bacia do Rio das Velhas. Tendo como ponto de partida a importância hídrica e ecológica, acrescenta-se ainda a notoriedade que o patrimônio histórico e arqueológico da Serra, e também da comunidade de Botafogo, representa como portal de Ouro Preto, a primeira cidade brasileira a receber o título de Patrimônio Mundial da UNESCO. O território inclui a reserva ecológica do Tripuí, a capela de Santo Amaro – erguida ainda no século XVII –, duas trilhas coloniais de 1718 e 1782, ruínas de chafarizes, minas coloniais, o sítio arqueológico Cabeceira do Funil e bens ecológicos, históricos e arqueológicos. Todos esses dados se somam à relevância ambiental que argumenta a favor da preservação e do tombamento da Serra de Ouro Preto como patrimônio histórico e ambiental.

TERRITÓRIO: PERTENCIMENTO E MODO DE HABITAR

Para além da reunião desses dados concretos, a comunidade de Botafogo, aos pés da Serra, resguarda algo ainda mais singular e digno de preservação: a memória, história e as tradições de sua e de diversas comunidades. Nesse cenário, acionamos e associamos duas visões de mundo diferentes da visão eurocêntrica e ocidental tão cravada em nós, para que possamos entender de outra maneira a dimensão da Serra, sendo o mais próximo possível de seu significado para os moradores. Assim, partimos da cosmovisão Yanomami através do livro *A Queda do Céu* (2015), do líder político e xamã Davi Kopenawa, para entendermos território além do espaço físico. Para os Yanomami, a terra é uma entidade viva que não pode ser dissociada do corpo, espírito ou memória de uma comunidade, representando sua condição de existência. Indo de encontro à visão indígena, a outra visão e autor que acionaremos é a de Antônio Bispo. Em *A Terra Dá, a Terra Quer* (2023), Bispo também reforça a relação quilombola com o território como algo intrínseco ao ser, ao corpo, criando o termo corpo-território. O território, aqui, é lugar de troca e produção de relações, e não mercadorias. Para ambos os autores, a ideia de terra como recurso, separada da cultura, não existe.

Território é o lugar de pertencimento e reprodução da vida, e a cultura é o modo de habitar o mundo. Destruir o território é, portanto, destruir a identidade. É destruir o corpo-sujeito que sustenta os modos de vida, memória e futuro da comunidade que ali habita.

A Serra não é ocupada por povos originários ou quilombolas, pelo menos não na comunidade de Botafogo, mas é corpo-vivo, sujeito. É vivenciada, habitada e nutre gerações que se sustentam, cultural e fisicamente, através de suas águas, terras, frutos, memórias e heranças, sejam elas do modo de fazer e viver, sejam elas casas, espaços e tradições, traduzidos na capela de Santo Amaro, na festa de Santo Amaro, no campinho de futebol etc. A luta ferrenha por sua preservação é sustentada pelos significados atribuídos a esse território através das vivências da sua comunidade. "A territorialidade não é apenas o fato de viver num lugar, mas a comunhão que se mantém com ele. O território sem vida é apenas um espaço físico, mas as ações que nele existem remetem à territorialidade." (SANTOS, 1996, p. 35). Milton Santos, geógrafo e escritor brasileiro, nos mostra que um espaço é produzido socialmente, atravessado por interesses conflitantes, onde tanto as estratégias do capital se fazem presentes (nesse caso, com os empreendimentos minerários) quanto a cultura da população que nele habita. A mineração representa a imposição de um pensamento único e hegemônico em prol da subordinação do território de Botafogo e de todos os outros em que ela se apropria a um projeto econômico que descredibiliza não só as necessidades sociais e culturais da comunidade, quanto os impactos irreversíveis produzidos pelo uso seletivo e predatório desse território.

Com Santos traçando a visão geográfica das disputas políticas em torno do território e com Davi e Bispo aflorando uma visão que dialoga com o senso de pertencimento e identidade da comunidade de Botafogo com seu território, podemos interpretar as falas das personagens-fonte no decorrer do documentário de maneira mais aprofundada e rica. Quando escutamos "seo" (senhor) Vitor reclamar da contaminação ou da falta d'água em seu território, não o veremos se indignar "só" pela poluição do meio ambiente, mas por ser inservível a utilização dessa água em sua horta e permanecer com seu modo de subsistência. Preservar a Serra vai além de preservar sua capacidade hídrica, vegetativa e ambiental. É preservar formas de existir que desafiam a lógica minerária e desenvolvimentista por gerações.

Esse documentário busca abordar a luta da comunidade de Botafogo pela preservação da Serra de Ouro Preto, frente à ameaça da mineração, integrando os saberes tradicionais, a memória coletiva e o sagrado como fundamentos para a proteção do território, como já foi explicado. Mas por que um documentário?

O QUE É UM DOCUMENTÁRIO?

O documentário é uma forma de discurso que toma uma posição a respeito do mundo histórico (NICHOLS, 1991, p. 12). Com Nichols, professor e pesquisador do cinema documentário, conseguimos entender a produção de um documentário como a argumentação, interpretação e a proposição de visões sobre o mundo real. Longe de ser uma proposta de neutralidade perante os acontecimentos que envolvem a comunidade do Botafogo, busco construir e guiar o espectador através do meu e do ponto de vista de moradores e especialistas envolvidos com a comunidade, quanto à necessidade de preservação da Serra, esforçando-me para obter a maior objetividade possível durante o processo. "O que deverá estar sempre em causa são os pontos de vista. E os documentários são isso mesmo, pontos de vista" (PENAFRIA, 2004, p. 4). Toma por partida a importância dos pontos de vista na construção do documentário, de acordo com Manuela Penafria a escolha dos subgêneros expositivo e participativo garante o alcance dos objetivos principais: a argumentação e exposição de fatos para o tombamento da Serra, e a participação e interferência de minha parte, como documentarista, na cena histórica (real). O subgênero expositivo agrupa fragmentos do mundo histórico em uma estrutura argumentativa, propondo uma perspectiva, expondo um argumento ou recontando a história através de outro ponto de vista, dirigindo-se ao espectador diretamente, com o uso de uma característica principal: a voz de Deus. Esse modelo de documentário conta com a narração como uma de suas características principais, por se tratar de uma linha narrativa autoritária que guia o espectador no decorrer da experiência, sem deixar dúvidas quanto ao propósito do tema exposto. Há, então, uma transmissão verbal de informações sobreposta à imagem, como observa Nichols.

Os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente. Numa inversão da ênfase tradicional do cinema, as imagens desempenham papel secundário. Elas ilustram, esclarecem, evocam ou contrapõem o que é dito. O comentário é geralmente apresentado como distinto das imagens do mundo histórico que o acompanham. Ele serve para organizar nossa atenção e enfatiza alguns dos muitos significados e interpretações de um fotograma. Portanto, presume-se que o comentário seja de ordem superior à das imagens que o acompanham. Na verdade, o comentário representa a perspectiva ou o argumento do filme. Seguimos o conselho do comentário e vemos as imagens como comprovação ou demonstração do que é dito (NICHOLS, 2016, p. 142).

É o modelo ideal para mobilizar o apoio do espectador dentro da estrutura de um documentário. Já o modelo participativo tem como princípio, de acordo com Nichols, "a percepção de que os cineastas não precisavam disfarçar a relação íntima que tinham com seus temas, contando histórias ou observando acontecimentos que pareciam ocorrer como se eles

não estivessem presentes" (NICHOLS, 2010, p. 137). Nesse modelo, Nichols discorre levantando pontos que considero essenciais na tratativa de pessoas ameaçadas pela mineração: "Quanto um cineasta pode insistir no testemunho, quando é doloroso para o outro prestá-lo? Que responsabilidade tem o cineasta pelas consequências emocionais de ser filmado? Que laços unem cineasta e tema e que necessidades os separam?" (NICHOLS, 2010, p. 154). No modo participativo, a interação do documentarista na cena permite que surjam as possibilidades de cumprir o papel de interrogador, colaborador ou provocador. A voz do cineasta vai emergir na tela, desvelando a noção de que temos de esconder a presença de manipulação no mundo real (as câmeras, os microfones, a noção de que se está sendo filmado e o comportamento forçado) para evidenciar o envolvimento direto e pessoal nos acontecimentos e com as fontes.

Os cineastas que buscam representar seu próprio encontro direto com o mundo que os cerca e os cineastas que buscam representar questões sociais abrangentes e perspectivas históricas com entrevistas e imagens de arquivo constituem dois componentes importantes do modo participativo. Como espectadores, temos a sensação de que testemunhamos uma forma de diálogo entre cineasta e participante que enfatiza o engajamento localizado, a interação negociada e o encontro carregado de emoção. Essas características fazem o modo participativo do cinema documentário ter um apelo muito amplo, já que percorre uma grande variedade de assuntos, dos mais pessoais aos mais históricos. Na verdade, com frequência, esse modo demonstra como os dois se entrelaçam para produzir representações do mundo histórico provenientes de perspectivas específicas, tanto contingentes quanto comprometidas (NICHOLS, 2016, p. 174).

Para encerrar a escolha do modo participativo como subgênero desse documentário, escolho uma citação de Nichols que diz: "A voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem" (NICHOLS, 2010, p. 160).

O ENCANTAMENTO

Portanto, através de uma produção que valoriza a oralidade e memória popular, o processo de criação foi feito com participação de moradores diretamente envolvidos na luta pela proteção da Serra, com o objetivo de fortalecer os laços comunitários, promover formação crítica e dar visibilidade a uma causa legítima, que busca proteger um território sagrado – símbolo de resistência e identidade para Ouro Preto. Faremos esse processo lançando mão de uma linguagem encantada. De acordo com os autores Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, a linguagem encantada, ou o Encantamento, como dizem, é:

Nas bandas daqui a noção de encantamento vem sendo ao longo do tempo trabalhada como uma gira política e poética que fala sobre outros modos de existir e de praticar o saber. O encantado é aquele que obteve a experiência de atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza. A encantaria, no Brasil, plasmada na virada dos tambores, das matas e no transe de sua gente cruza inúmeros referenciais para desenhar nas margens do Novo Mundo uma política de vida armada em princípios cósmicos e cosmopolitas. (Simas; Rufino, 2020, p. 4)

Os autores trazem a prática do encantamento como uma estratégia de luta, que dribla o encantamento da vida em um modelo padrão, irreduzível, produtivista e utilitário, nos desconectando da natureza como seres provenientes dela e enquadrando uma classificação de importância nas formas de vida. O encantamento vai, de uma forma muito bonita, de encontro aos ensinamentos de Antonio Bispo, quando o professor nos insere o termo cosmofofia – o medo do "cosmo do outro", o medo e a rejeição dos modos de vida da natureza e da pluralidade de saberes. "Uma doença que não tem cura, só imunidade" (BISPO, 2023, p. 19), e logo em seguida nos ensina sobre a contracolônização: onde há um princípio de integração de todos os seres terrestres, além das noções de ancestralidade e espiritualidade. De uma maneira sensível, mas não menos política, eles trazem o encanto como "uma pulsação que rasga o humano para lhe transformar em bicho, vento, olho d'água, pedra de rio e grão de areia" (LIMA, 2020, p. 09).

Por meio da identificação dos impactos da mineração na comunidade de Botafogo na Serra de Ouro Preto, esse trabalho se concentra em difundir o comportamento nocivo das empresas mineradoras nos modos de vida dessa comunidade. A necessidade de abordar, pesquisar, estudar e debater esse assunto apoia-se no histórico local e regional de desmantelamento e até erradicação completa de identidades culturais – estendendo-se a costumes religiosos, culturais, tradicionais, econômicos e físicos – dos distritos que rodeiam cidades mineradoras. Esse problema se estende nacionalmente no histórico construtivo de um país colonizado e subjugado, como abordam Simas e Rufino ao fazer a análise de um Brasil senhorial.

Nos alicerces que sustentam o Brasil dos senhores, que aplaudem e mobilizam a espiritualidade mortífera, estão substanciados vários modos de colonização que aniquilam gramáticas maternas e percepções de mundo. Cria modos de interrupção dos ciclos, encapsulamento do tempo, destruição das relações comunitárias e aniquilação do sentido ritual da vida como dimensão ecológica. Ou seja, aqueles que aqui aportaram e trouxeram a guerra, a doença e a promessa constituíram formas de desencantamento (mortandade), assassinando saberes, linguagens, comunidades e rituais. Esse Brasil que deu certo financiou um modo de vida que, para ser adquirido, cobrou a vivacidade de seus seres (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 14).

Toma-se como base o distrito de Bento Rodrigues, que atingiu o que se acredita ser a "fase final" do processo minerário: quando a cidade é erradicada, transformada em "fantasma". No caso de Bento, isso ocorreu devido ao crime ambiental do rompimento da barragem do Fundão, em 5 de novembro de 2015, que deixou 19 vítimas fatais, mais de 100 famílias desalojadas, 49 municípios atingidos e cerca de 40 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro despejados entre Minas Gerais e Espírito Santo.

As consequências imediatas decorrentes do desastre-crime são uma resposta ao nível final da apropriação pela mineração em um distrito. No entanto, antes dessa etapa, há um gradual desmonte da identidade cultural dessas comunidades, que começa antes mesmo da chegada efetiva da mineração. E é esse o objeto sobre o qual este trabalho se debruça. Tão grave quanto a consequência final da mineração, o processo de sondagem ao alocamento, sua instalação e funcionamento já deveriam ser considerados um desastre-crime. Ao longo desse processo, são afetados os modos de vida tradicionais e centenários das comunidades. Com a chegada de grandes empresas, práticas como o garimpo tradicional, o plantio de subsistência, a pesca, a caça, os costumes religiosos e as festas culturais – típicos de comunidades pequenas que dependem do próprio sustento – são remodelados. Para Simas e Rufino, “entender desencante como uma política de produção de escassez e de mortandade implica pensar no sofrimento destinado ao que concebemos como o humano, no deslocamento e na hierarquização dessa classificação entre os outros seres” (2020, p.17).

O OBJETIVO

Como objetivo geral, a ideia é desenvolver um documentário com aspectos da representatividade da identidade cultural da comunidade de Botafogo e indicar o vínculo com a mineração a partir de evidências culturais, sociais e simbólicas que comprovem as mudanças ao longo do tempo. Lançando mão de uma linguagem encantada e da valorização do afeto na construção de identidade e pertencimento, pretende-se criar pontes entre os saberes técnico-científicos e os afetos que ligam as pessoas ao seu território.

Os objetivos mais específicos, então, consistem em: apresentar a comunidade de Botafogo e seu patrimônio ecológico e histórico, através do processo de coleta de assinaturas para seu tombamento; apresentar o cenário minerário na região, dando um parecer sobre quais empresas pleiteiam licenciamento para atuar, onde e por quê – considerando a riqueza mineral e hídrica da região – e quais já atuam e como está o desenvolvimento do processo; identificar e investigar os impactos sociais – de pertencimento e saúde, principalmente psíquica –,

culturais e econômicos gerados pela presença ou pela ameaça de instalação de atividades mineradoras nessas comunidades, por meio de documentação, levantamento de dados e entrevistas com os moradores; identificar mudanças culturais específicas, com foco nas manifestações religiosas e tradições locais, observadas nos distritos em decorrência da influência da mineração; compreender de que maneira a mineração tem influenciado as dinâmicas sociais e as expressões identitárias nas comunidades afetadas, considerando os relatos dos moradores e a documentação histórica; fortalecer o entendimento e conhecimento das pessoas a respeito dos impactos da mineração nos modos de viver e identidade cultural das comunidades em que ela se assenta; e, por fim e principalmente, produzir um material que honre a memória das sociedades estudadas como forma de protesto contra a mineração e preservação de suas histórias.

Trata-se de um documentário que se pretende relevante para o jornalismo e para o campo dos estudos culturais, ao ter abordado a construção de significados de uma comunidade por meio da intersecção entre cultura (tradições e ancestralidade), poder (disputa econômica, discursiva e territorial com a mineração) e identidade (corpo sujeito/território) através da estruturação de um produto de mídia. O documentário mostrou o desdobramento de uma ação coletiva de encantamento e proteção ambiental, por meio da análise da construção cultural de uma comunidade e das mudanças provocadas na identidade do território após o atravessamento econômico-político-social que a mineração a submeteu.

O ENCONTRO COM O JORNALISMO CULTURAL

O estudo conflui com o campo de estudos culturais ao examinar a cultura como fator em processo de construção, que se dá a partir do diálogo que surge do tensionamento de campos opostos (nesse caso, a mineração e a comunidade). A disputa territorial, política e narrativa que a comunidade lança ao confrontar as mineradoras é a manifestação contra-hegemônica que nasce da tentativa de um grupo dominante de relativizar valores, ressignificar os modos de vida e desapropriar territórios. Essa análise parte dos estudos de representação e identidade cultural do pensador Stuart Hall. É nosso objetivo endossar a disputa simbólica e construir sentidos a partir do viés midiático em prol dessa comunidade. Existe, nessa ideia, a expectativa de um encantamento que permite ao sujeito percorrer o tempo, como apontam Simas e Rufino:

Se de um lado temos a integração dos sistemas vivos, a conexão entre as dimensões materiais e imateriais e a ética ancestral, do outro lado está a separação e a hierarquização Deus/Estado, humanos/herdeiros de Deus e natureza/recursos a serem transformados em prol do desenvolvimento humano. O encantamento como uma capacidade de transitar nas inúmeras voltas do tempo, invocar espiritualidades de batalha e de cura, primar por uma política e educação de base comunitária entre todos os seres e ancestrais, inscrever o cotidiano como rito de leitura e escrita em diferentes sistemas poéticos e primar pela inteligibilidade dos ciclos é luta frente ao paradigma de desencanto instalado aqui. Ou seja, o encanto é fundamento político que confronta as limitações da chamada consciência das mentalidades ocidentalizadas (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 20).

Com Antônio Gramsci, pensador e filósofo que se volta para a intersecção de cultura, ideologia, identidade e poder, podemos ir mais fundo na leitura das ações de empreendimentos minerários em comunidades. O autor diz que "toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica" (2000, p. 399), ou seja, onde o pensamento/ferramenta hegemônica chega, ela ensina os sujeitos do território a reinterpretarem suas ações como desenvolvimentistas. Educam e ensinam a aceitarem valores, comportamentos e processos não só como legítimos, mas como também benéficos. Na mineração, esses processos se dão, por exemplo, através das reuniões de diálogo social, onde, em prol de convencer a comunidade a aceitar a instalação do empreendimento, a mineradora oferece a compensação socioeconômica ou a contrapartida, onde muitas vezes são ofertados a construção de praças, parquinhos, oficinas de reciclagem entre outros projetos, oferecidos como modo de "desenvolvimento" da comunidade, em troca da destruição irrevogável e absoluta do habitat e dos modos de vida locais.

Stuart Hall que foi um dos principais fundadores dos Estudos Culturais, entende a identidade como um processo em constante construção. Articulado pelas experiências culturais e sociais, é a partir dessas mudanças que nascem do jogo de disputa de significados, que analisaremos o espaço de conflito político que a cultura é. Pensando em identidade e território e dialogando com outros autores já levantados aqui, Hall tem uma frase que diz que "As identidades são formadas pela maneira como somos posicionados e como nos posicionamos dentro das narrativas do passado" (Hall, 2006, p. 225). Nesse sentido, Hall dá a entender que a identidade nasce da memória de uma comunidade, de suas vivências repassadas pela coletividade e da maneira como ela se posiciona no mundo. Ele se encontra aí, então, com o "território usado" de Milton Santos, que acredita que o lugar guarda as marcas do passado para organizar o presente, e com a cosmovisão dos espíritos que sustentam o céu, os Xapiri, de Davi Kopenawa (2015), e da ancestralidade que, nas narrativas do passado, sustenta o presente das comunidades através dos modos de plantar, cultivar e festejar,

de Antonio Bispo. Todos esses autores endossam essas narrativas como posicionamento político contra a cosmofofia colonial, o discurso desenvolvimentista e a deslegitimação do Estado e da mineração que ultrapassam uma disputa territorial e são, em seu cerne, um ataque identitário.

Este projeto propõe-se a ser um instrumento de mediação entre o conhecimento geocientífico e os saberes locais, para construir os fundamentos de um tombamento através do protagonismo comunitário, fazendo e mostrando uma narrativa de cuidado e valorização da Serra de Ouro Preto através da comunidade de Botafogo. Busca, assim, seguir uma linha que dialoga com o jornalismo comunitário, que dá ênfase na importância da oralidade e memória coletiva como fontes primárias na construção de reportagens e documentários, que, além do envolvimento comunitário, trabalha na preservação da memória coletiva por meio de registros jornalísticos, usando esse veículo para expor violações de direitos humanos, culturais e ambientais. Os estudos culturais estão presentes na análise de como o pertencimento territorial molda as identidades e as relações sociais e como a mineração afeta essas identidades culturais e comunidades ao alterar seus modos de vida e tradições, buscando conscientizar os órgãos públicos sobre a importância de preservar essas identidades.

A resistência cultural também foi abordada como ponto principal dessa produção. O documentário vai servir como um espaço para amplificar essas resistências e consolidar a luta por direitos, debatendo sobre a relação entre o conceito de desencanto e o impacto da exploração minerária no controle territorial das comunidades.

REFLEXÕES

O documentário discutido nesse memorial se orienta a partir dos impactos da mineração na representação e identidade cultural da comunidade de Botafogo, na Serra de Ouro Preto. A escolha pela produção de um documentário se dá em função da necessidade de se debruçar sobre o processo histórico da chegada da mineração nessa comunidade, considerando as etapas que levaram à transformação da representação da identidade cultural desse povoado e esmiuçando, entre essas etapas, os processos sociais, econômicos, culturais e as dinâmicas de poder que levaram ao cenário atual. Dessa maneira, através de um documentário expositivo e participativo, foi possível abordar essas questões por meio das linguagens audiovisuais utilizadas na criação da narrativa.

O subgênero participativo entra na produção do documentário justificando os modos práticos de filmagem, como a instabilidade da gravação, visualizada através da câmera

trêmula, que balança de acordo com os passos nas trilhas enquanto segue os personagens, os questionamentos diretos com a fonte e os diálogos que se seguem sem serem cortados, a contribuição ativa da comunidade para a narrativa, entre outras características que denominam o subgênero que tem como princípio não esconder a relação de intimidade que a diretora tem com os personagens e com o tema. Bill Nichols é utilizado como guia na produção audiovisual, aguçando os modos como sobrepomos e utilizamos o documentário na criação de uma narrativa fílmica.

Além do conceito do modelo participativo apresentado acima, que é discutido pelo autor, Bill apresenta ainda o modelo expositivo que "ênfatiza a impressão de objetividade e argumento bem-embasado". O comentário com voz-over parece literalmente "acima" da disputa; ele tem a capacidade de julgar ações no mundo histórico sem se envolver nelas (NICHOLS, 2016, p. 142). Utilizaremos o modelo expositivo por ele se tratar do melhor modo para transmitir informações e mobilizar apoio dentro de uma estrutura de filme, como Nichols mesmo afirma. No entanto, com a junção dos dois modelos, contrariamos Nichols no trecho em que diz que o modelo expositivo não se envolve no mundo histórico, trazendo os modos de gravar do modelo Participativo para construir conjuntamente um documentário que aborde e mescle os dois estilos. Manuela Penafria (2005) também encorpa a discussão trazendo o documentário como um modo de opinar no mundo, de mostrar um ponto de vista, seja do cinegrafista ou da comunidade. Manuela argumenta que "todo o filme é documental porque remete para pontos de vista, para modos de pensar, para modos de ver o mundo" e que, nesse sentido, "documentário e ficção são dois modos de documentar, de comentar o mundo" (PENAFRIA, 2004, p. 4).

Na questão temática, o trabalho discorrerá sobre os impactos culturais na comunidade de Botafogo, afetada pela mineração, aos pés da Serra de Ouro Preto. Nesse sentido, foram amplamente abordadas palavras-chave como mineração, identidade cultural, território, ancestralidade, memória, entre outras. Para a construção da análise sobre a identidade cultural dessas comunidades, foram utilizados como norteadores os estudos de Stuart Hall, que entende a identidade como um processo em constante construção, articulado pelas experiências culturais e sociais. Em sua obra *Identidade e Diferença: A Perspectiva de Estudos Culturais*, Hall argumenta que "as identidades são pontos de ancoragem provisórios que resultam da decodificação das histórias que as atravessam" (HALL, 2014, p. 110). Além de Hall, Antônio Gramsci também foi acessado para possibilitar a análise de mudanças específicas nas manifestações religiosas, festas culturais e costumes locais, já que o autor fala sobre a representatividade cultural, e também sobre como as ideologias dominantes moldam

identidades sociais e culturais (GRAMSCI, A. 2000 p. 52), ideias essas que vão de encontro aos termos de cosmovisão, cosmovisia e contracolnizaçaõ do autor Antônio Bispo (2023), que reforça a luta das identidades culturais não monoteístas, ocidentais e urbanas contra as ideologias dominantes e suas cosmovisias.

A partir desse ponto de vista, foram analisadas como as práticas econômicas e históricas ligadas à mineração moldam a representatividade das identidades culturais das regiões mineradoras da comunidade de Botafogo na Serra de Ouro Preto, evidenciando os processos de ressignificação identitária em contextos de transformação e indicando o papel da mineração nessas mudanças.

Para essa análise, trabalhando em conjunto com a visão de natureza, território e identidade, os autores Davi Kopenawa (2015) e Milton Santos (1996) também agregam ao debate ao lado de Antonio Bispo, onde são convocados para uma discussão que diz respeito à relação entre cultura e territorialidade. Milton Santos, geógrafo e escritor brasileiro, ensina, em sua obra, a compreender e reconhecer o território como aquilo que pertence a quem o habita, aprofundando a noção de que território e identidade andam juntos e ampliando a noção de território como uma forma política e econômica. Segundo ele, "a territorialidade não é apenas o fato de viver num lugar, mas a comunhão que se mantém com ele. O território sem vida é apenas um espaço físico, mas as ações que nele existem remetem à territorialidade" (SANTOS, 1996, p. 35). Davi Kopenawa, por sua vez, é líder do povo indígena Yanomami e trabalha junto ao etnólogo Bruce Albert na obra *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami* (2015), onde abordam a compreensão de como a exploração da terra através da mineração afeta as identidades culturais dos povos indígenas. O povo Yanomami enxerga a terra como algo sagrado e ligado diretamente à identidade cultural e ao modo de vida de um povo. "A mineração destrói tudo o que é nosso. Ela destrói a floresta, os rios e até nossas almas. O que vai restar para nós depois disso?" (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 321) E, por fim, Antônio Bispo, escritor, professor e ativista político quilombola brasileiro, chega trazendo os conceitos de cosmovisão e contracolnizaçaõ. A cosmovisia, para Bispo, é o modo de se ter no mundo e enxergar a terra e a natureza em relação direta à organização de um povo em seu território. A comunidade se organiza a partir da terra, e tudo está interligado. O que rompe esse sistema e distancia o homem da natureza é a visão colonial, extrativista e predatória, o que o leva a criar contracolnialismo como maneira de resistir e lutar.

Através desses autores, é possível compreender a ligação da territorialidade com as comunidades dos distritos estudados e aprofundar a investigação dos efeitos da mineração nas dinâmicas sociais e nas expressões culturais dos distritos.

O documentário também utiliza amplamente a linguagem encantada. Conceito criado por Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas no livro *Encantamento: sobre política de vida* (2020), o encantamento é o modo de falar ou a linguagem que fala sobre outros modos de se existir e praticar o saber no mundo, é o que convida, junto à cosmovisão de Antônio Bispo (2023) e aos espíritos da natureza de Davi Kopenawa (2015), a se criar uma política de vida baseada em princípios cósmicos. O encantamento é uma estratégia de luta pelo linguajar.

Mais acionadas que os autores interpretantes desse contexto cultural-político estão as fontes que possibilitaram que essa história fosse contada. Nada seria esse projeto sem que as pessoas da comunidade de Botafogo tivessem aberto suas portas e corações para que esse documentário fosse gravado. Sem suas histórias, memórias e afetos, não teríamos o que sustenta esse documentário.

Portanto, as fontes mais acessadas neste projeto foram: Dona Geralda Quites, Dona Shirley Xavier, Seu Vitor Campos, Seu José Vicente, Dona Joana de Oliveira, Sidnea dos Santos, Maria Raimunda Ferreira e nosso guia e presidente da Associação de moradores e amigos de Botafogo, Benito Guimarães. As fontes acadêmicas da Universidade Federal de Ouro Preto e do Instituto Federal de Minas Gerais que gentilmente concederam entrevista com parecer técnico dos empreendimentos minerários e nos deram explicação da importância hídrica, geológica e espeleológica da Serra, como a professora, bióloga e pesquisadora Livia Echternacht, o professor do Instituto Federal de Minas Gerais e integrante da Frente Mineira de Luta das Atingidas e dos Atingidos pela Mineração (FLAMa-MG) Daniel Neri, a professora engenheira geológica Adivane Terezinha Costa, coordenadora da Cátedra da UNESCO "Água, Mulher e Desenvolvimento" e orientadora no programa de pós-graduação em Sustentabilidade Socioeconômica e Ambiental, com experiência em recursos hídricos, e a historiadora e arqueóloga Alenice Baeta, além de Ronald Guerra (Roninho) vice-presidente do Instituto Guaicuy, o ativista e diretor do sindicato ASSUFOP, Eduardo Evangelista, Engenheiro Civil, e o professor e historiador Alex Bohrer.

Para esse memorial, foi empregada uma base de dados composta por artigos e relatórios técnicos, como o *Diagnóstico e levantamento rápido da flora na Serra do Chafariz* (Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Biomas Tropicais, UFOP, 2025).

PAUTA ESTENDIDA

FORMATO: Documentário Participativo e Expositivo

1. TEMA GERAL E QUESTÃO CENTRAL:

Neste produto, o tema geral abordado é o impacto da mineração na identidade cultural da comunidade de Botafogo, na Serra de Ouro Preto. Nesse sentido, foram amplamente abordadas palavras-chave como mineração, identidade cultural, Minas Gerais, corpos-território, pertencimento, memória, entre outras. A questão central discorre sobre as mudanças estruturais na comunidade a partir da chegada da mineração, com o objetivo de alcançar o tombamento da Serra, através do encantamento e da afetividade da comunidade com o território.

2. ABORDAGEM

A abordagem escolhida foi expositiva e participativa, mesclando o protagonismo da comunidade de Botafogo na construção da narrativa com a contextualização histórica, ambiental e política da Serra através de fontes especialistas. O documentário parte de uma memória coletiva da Serra, que é introduzida através de uma visão afetiva pelas histórias, memórias e culturas que a comunidade nutre pelo território. Ao mesmo tempo, é apresentado o impacto da chegada da mineração através da análise de documentos, ações e dados apontados por especialistas e do relato de qualidade emocional e de vida dos moradores de Botafogo. A proposta é engajar o público, através de uma linguagem encantada e afetiva na luta pela preservação do território por meio da apresentação dos impactos dos empreendimentos minerários e da construção de uma visão crítica ao discurso desenvolvimentista da mineração.

3. PONTO DE VISTA CONTEMPLADO

O ponto de vista contemplado é a luta da comunidade de Botafogo pelo tombamento e preservação da Serra de Ouro Preto. O documentário tem um posicionamento claro e irrestrito a favor da preservação da Serra, reconhecendo e trabalhando através do audiovisual para juntar forças em sua defesa, com o objetivo de fortalecer as lutas territoriais, o protagonismo comunitário e uma visão contracolonial.

4. DESCRIÇÃO DA PROPOSTA ESTÉTICA DO DOCUMENTÁRIO

A proposta estética é ancorada na afetividade e na linguagem encantada, buscando o encantamento da Serra. Por isso, através do audiovisual, buscamos planos contemplativos da vegetação e da paisagem do território, sempre vívidos, reforçando uma certa misticidade como entidade, mágica e ancestral. Ainda que utilizemos o encantamento na construção da

narrativa visual, as imagens usadas não contam com edição de cor, realçam a natureza através do enquadramento e da escolha de paisagens apenas. As gravações são em um estilo participativo, sem disfarçar a presença de quem grava em cena, seja através do leve tremor das imagens (estilo *handheld*, câmera em mãos) ou na trilha sonora natural (o som natural do ambiente que cerca), o que reforça a atmosfera imersiva e o dinamismo das gravações. Quanto aos entrevistados, os depoimentos são feitos com a câmera em plano fechado ou médio, dando a sensação de intimidade. A paleta de cores privilegia tons naturais da Serra, sem edição. Verdes e coloridos da vegetação, marrons da terra, vermelho da mineração reforçando o contraste com a terra etc. O uso de luz natural foi priorizado. O documentário tem como inspiração outras obras da produção audiovisual brasileira, como *Castanhal*.

1. FONTES INDICADAS

FONTE	DESCRIÇÃO
Adivane Terezinha Costa	Coordenadora da Cátedra da UNESCO "Água, Mulher e Desenvolvimento" em 2019, sendo membro do grupo de trabalho de Educação e Cultura da Água e do Programa Hidrológico Intergovernamental da América Latina e Caribe da UNESCO. Experiência em recursos hídricos, geologia ambiental, geologia médica, sedimentologia, geoquímica ambiental e educação ambiental.
Alenice Baeta	Ênfase em povos tradicionais, formação intercultural, etnohistória e territorialidades. Tem experiência na área de Antropologia, Direitos Humanos e Patrimônio Cultural, desenvolvendo trabalhos relacionados a gestão e proteção de memórias, diagnóstico e monitoramento; Figurações Rupestres-documentação e análises cronoestilísticas; cartografia social; pesquisas etnográficas, história indígena e povos tradicionais; plano de inventário de bens móveis e imóveis, dossiê de tombamento, patrimônio imaterial, laudo sobre estado de conservação e de danos, plano de manejo, núcleos museológicos, movimentos sociais, educação popular e difusão patrimonial.
Lívia Etchernacht	Bióloga e pesquisadora, assessora gestores ambientais em questões relacionadas à conservação da flora. Tem experiência em Botânica, com ênfase em Sistemática Vegetal, atuando principalmente nos seguintes temas: diagnóstico da flora e inventário florístico, taxonomia de Eriocaulaceae, filogenia, cladística, diversidade, biogeografia e conservação, com ênfase em campos rupestres.
Shirley Xavier	Moradora da Comunidade há 14 anos e ativista contra a mineração. Hoje é aposentada e tira seu sustento e lazer das suas terras.
Geralda Quites	Moradora desde o nascimento na comunidade. Ela e todas as gerações passadas e futuras da família tiram seu sustento das suas terras, por meio de

	diversas maneiras: produção de queijo, geleia, café etc.
Joana de Oliveira	Tropeira da Serra de Ouro Preto nos anos 70. Tirava sustento da Serra junto à família.
Sidnea dos Santos	Historiadora e crescida na Serra.
Daniel Neri	Professor do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) e integrante da FLAMa-MG.
Ronald Guerra (Roninho)	Vice-presidente do Instituto Guaicuy e ativista contra a mineração, principalmente no território de Antônio Pereira.
Eduardo Evangelista (Du Evangelista)	Ativista, engenheiro civil e integrante da APAOP.
Vitor Campos	Morador de Botafogo.
José Vicente	Produtor rural na fazenda dos Crioulos, divisa de Botafogo com Boa Vista.
Alex Bohrer	Professor do IFMG e historiador.
Benito Guimarães	Morador de Botafogo, liderança popular contra a mineração e presidente da Associação de Moradores e Amigos do Botafogo.
Maria Raimunda Ferreira (Dona Dute)	Moradora de Botafogo.

5. PLANEJAMENTO E DESCRIÇÃO DOS RECURSOS MULTIMÍDIA

Linguagens contempladas: Audiovisual

Indicação de angulação: comunitária e participativa

Planos: detalhe e fechado, primeiríssimo plano e plano médio para as entrevistas como humanização da pauta.

Planos Gerais para filmagem da Serra, junto com planos de detalhes para foco em vegetação, flora e fauna etc.

Ferramentas para produção: câmera; tripé; microfone de lapela; drone.

Recursos Multimídia:

1. **Áudio:** trilhas sonoras, efeitos sonoros, entrevistas.
2. **Vídeo:** entrevistas, reportagens.
3. **Imagens e Gráficos:** infográficos e mapas.

6. ROTEIRO VOZES DA SERRA

Roteiro Vozes da Serra	
BLOCO TEMÁTICO	CONTEÚDO
Trailer Vozes da Serra	Apresentação da Serra com a narração da Dona Joana, uma tropeira dos anos 70 que percorria as trilhas indo e voltando de Ouro Preto e tirando seu sustento do que a Serra dava. O bloco vai e vêm entre dona Joana e Shirley contando sobre os antigos modos de subsistência da Serra.
A apresentação do problema	Apresentação do problema vem do encaixe entre as falas de uma moradora da comunidade, Shirley, contando do primeiro “susto” que ela levou com a chegada da mineradora, junto ao professor do IFMG, Daniel Neri, membro da Flama-MG, que traz uma abordagem mais teórica de como os empreendimentos minerários subjugam as comunidades a seu favor. O bloco conta com uma reportagem do MG1 e com a fala do vice-presidente do Instituto Guaicuy, Ronald Guerra, mostrando como o caso de Botafogo se repercute na mídia e como a comunidade pode ser afetada em comparação com a comunidade de Antônio Pereira. O bloco finaliza com a fala de Eduardo Evangelista, mostrando como as minerações funcionam no burlamento das regras para se instalar em territórios novos, como a fraude de estudos de impacto ambiental, de ausência de membros o suficiente em órgãos públicos para fazer essa análise e acompanhamento etc.
O bloco da água	Com a água sendo a linha narrativa de todas as falas desse bloco, o documentário trança falas de moradores e pesquisadores em torno da preocupação com a falta ou a contaminação da água. Nesse trecho, há uma leve abordagem das atividades desenvolvidas pelos moradores, como a horta e o cuidado com as nascentes. A professora e coordenadora da Cátedra da UNESCO Mulheres e Água, Adivane Costa, mostra a importância da formação geológica da Serra na captação e no armazenamento da água e como a mineração impacta diretamente essa dinâmica. O bloco aborda, então, a explicação sobre a função da Serra como área de recarga hídrica e sua contribuição para o abastecimento de água da região. São mencionados os campos rupestres ferruginosos, a biodiversidade e a relevância ecológica do território.
Contextualização dos projetos de mineração na região	Em seguida, há a apresentação dos empreendimentos minerários previstos para a área e seus possíveis impactos ambientais, incluindo risco às nascentes, supressão vegetal e alteração da

	paisagem natural.
Processo de licenciamento ambiental	Discussão sobre as licenças concedidas para exploração mineral, questionamentos sobre fiscalização e participação popular e preocupações da comunidade quanto à transparência do processo.
A Operação Rejeito	Nesse bloco, há a contextualização da investigação da Polícia Federal que apura irregularidades na concessão de licenças ambientais em Minas Gerais, ampliando o debate sobre fragilidade institucional e influência política, através de reportagens do Gnews, Rádio CBN, imagens aéreas etc.
A festa de Santo Amaro: patrimônio cultural e religioso	Esse bloco mostra o que move o coração da comunidade de Botafogo: a festa de seu aanto padroeiro: Santo Amaro. A celebração, que acontece há dezenas de anos, reúne toda a comunidade no mês de agosto, movendo a economia, os afetos, a história e heranças familiares que compõem a identidade do território. A festa é fruto de tradição e religiosidade.
Mineração x Turismo O turismo como alternativa viável de se extrair dinheiro sem prejudicar uma comunidade	Debate sobre os diferentes modelos de desenvolvimento para Ouro Preto, contrapondo a atividade minerária ao potencial do turismo sustentável e ecológico e à preservação ambiental.
Mobilização e Resistência: o movimento Preserve Botafogo	Registro da organização da comunidade, reuniões, manifestações e articulação com pesquisadores e universidades na defesa da Serra.
Uma mensagem de fé	O documentário termina com um apelo emocional através do questionamento sobre o destino da comunidade, destacando a escolha entre exploração mineral e preservação ambiental e cultural.

REFERÊNCIAS

ECHTERNACHT, L.; ALVIM, Y.; ANJOS, M. B.; BORUM-KREN, E. L. A.; RESENDE, N. C.; SANTOS, A. A.; TORRES, F.; VEIGA, C.; TREVISANI, N. V. **Diagnóstico e levantamento rápido da flora na Serra do Chafariz**. Relatório técnico da disciplina de Identificação de Plantas e Diagnóstico Ambiental. Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Biomas Tropicais. Universidade Federal de Ouro Preto, fevereiro de 2025.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 1. Tradução de João Ferreira Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 107-134.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2016.

NICHOLS, Bill. **Representing reality: issues and concepts in documentary**. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

PENAFRIA, Manuela. **A busca do perfeito realismo**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) — Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 2004. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3618/1/ulfl073578_tm.pdf. Acesso em: 2 nov. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

Edição de 28/03/2025 – MG1 Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/13467036/> Acesso em: 10/01/2025.

Fala Fads – YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/live/A4MNM3VN85U?si=NuhH_dqgI95Rv8lO Acesso em: 10/01/2025.

GNews – YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/zhykDSgnad0?si=p341oNset8wraAlr> Acesso em: 10/01/2025.

Edição de 22/09/2025 – MG2 Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/13951416/> Acesso em: 10/01/2025.

RecordTV Minas – YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/byYXrpWWEBU?si=s3ReLvG1NTLiMF-1> Acesso em: 10/01/2025.

Rádio CBN – YouTube. Disponível em: https://youtu.be/KljN69wofLw?si=5a4mR6UU_21h7dTk Acesso em: 10/01/2025.

Balanço Geral MG – Record TV / R7. Disponível em: <https://noticias.r7.com/minas-gerais/balanco-geral-mg/video/achamos-em-minas-descubra-our-o-preto-patrimonio-da-humanidade-pela-unesco-14082025/> Acesso em: 10/01/2025.

Globoplay – Programa 13948460. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/13948460/> Acesso em: 10/01/2025.

Trilha sonora

FOLWAR, Simon. *Flow of the Ganges*. Uppbeat. Disponível em: <https://uppbeat.io/t/simon-folwar/flow-of-the-ganges>. Acesso em: 10 jan. 2025. Licença nº KLBHHMFLBLGDQFAK.

AVBE. *Police Checkpoint*. Uppbeat. Disponível em: <https://uppbeat.io/t/avbe/police-checkpoint>. Acesso em: 10 jan. 2025. Licença nº V93ETIWIO5C98M15.

SKY CASSETTE. *I Don't Trust Him*. Uppbeat. Disponível em: <https://uppbeat.io/t/sky-cassette/i-dont-trust-him>. Acesso em: 10 jan. 2025. Licença nº SLTXYBIMGMH89YJ8.

SANCHII. *Equilibrium*. Uppbeat. Disponível em: <https://uppbeat.io/t/sanchii/equilibrium>. Acesso em: 10 jan. 2025. Licença nº FLPXQSXL5QHPYEP2.

BESS, Alex. *The Last Prophecy*. Uppbeat. Disponível em: <https://uppbeat.io/t/alex-bess/the-last-prophecy>. Acesso em: 10 jan. 2025. Licença nº HXETYRLVWLYCFQLQ.

COHEN, Yair. *Apophis*. Uppbeat. Disponível em: <https://uppbeat.io/t/yair-cohen/apophis>. Acesso em: 10 jan. 2025. Licença nº VY6I2HCRUL34CNQL.

HEMLOCK. *Still Hope*. Uppbeat. Disponível em: <https://uppbeat.io/t/hemlock/still-hope>. Acesso em: 10 jan. 2025. Licença nº SNSVKH8DHSUNEQWJ.

POPAWALA, Rahul. *Megh Raag – Teen Taal*. Uppbeat. Disponível em: <https://uppbeat.io/t/rahul-popawala/megh-raag-teen-taal>. Acesso em: 10 jan. 2025. Licença nº O0OIXTW1GNKPW8YZ.

GABALDA, Roger. *The Great Wonder*. Uppbeat. Disponível em: <https://uppbeat.io/t/roger-gabalda/the-great-wonder>. Acesso em: 10 jan. 2025. Licença nº PWHZNRLXMJYOKQFT.

IROS YOUNG. *The Great River*. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

BLACKSMITH. *Conquest*. FreeToUse.com. Disponível em: <https://freetouse.com/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

